



E que tal o Cerrado, professor? Algumas reflexões sobre a construção de uma “consciência” de cerrado no ensino básico.

And how about Cerrado, teacher? some reflections about the building of a cerrado “conscience” at the basic school.

Daniel Mallmann Vallerius¹

Universidade Federal do Pará – Campus Altamira

daniel.mv@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho objetiva dedicar alguns olhares sobre como o Cerrado é abordado/trabalhado nas aulas de geografia do ensino fundamental e médio. Compreendendo o Cerrado como um tema “quente” e em emergência, julgamos fundamental que este encontre no espaço escolar um importante lócus para o despertar, o ampliar e o sedimentar do conhecimento geográfico de seus aspectos principais no sentido de construir uma “consciência” de Cerrado. Para subsidiar nossa tarefa, evocamos autores que se dedicam aos estudos voltados para o Cerrado, ao mesmo tempo em que analisamos alguns livros didáticos e realizamos a aplicação de questionários com professores de geografia que atuam em três estados brasileiros, buscando compreender, em seus discursos e práticas, um pouco do processo de construção do “aprender” sobre o Cerrado nas aulas de Geografia. Dentre nossos apontamentos merecem destaque o relativo desinteresse por parte dos alunos na temática Cerrado e a pouca motivação dos professores para trabalhar com as questões que o compreendem.

Palavras-chave: Cerrado, Geografia Escolar, práticas e saberes docentes.

ABSTRACT: This research aims to dedicate to look at the ways of the Cerrado is approached/taught on the geography classes of the primary and secondary education. Understanding that Cerrado it's a “hot” theme and in an emergency process, we judge that it's indispensable that it's find on the school space an important locus to awake, enhance and settle the geographical knowledge of their main aspects in the sense to build a “conscience” of the Cerrado. To subsidise our intention, we evoke some authors that dedicate their researches to the issues of Cerrado, at the same time we analyze some textbooks and enforce some questionnaires with geography teachers that work on three different Brazilian states, looking for understand, in their speeches and practices, a little bit of the process to build the “apprehend” about the Cerrado in the Geography classes. In our preliminary notes, we highlight a relative indifference of the students on the Cerrado theme and the small motivation of the teachers to work with the questions that are present on it.

¹ Docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Pará campus Altamira. Doutorando em Geografia – PPGEO/IESA/UFG – Bolsista PRODOUTORAL CAPES/UFPA

Keywords: Cerrado, School Geography, professor's knowledge and practices.

INTRODUÇÃO: CERRADO: UM (?) CONCEITO EM EMERGÊNCIA

As discussões relativas ao Cerrado (seu(s) conceito(s)², suas características, suas especificidades e seus desafios) não são novidades dentro do espectro de discussão da ciência geográfica. Todavia, sua ascensão – especialmente a partir da década de 80, com a difusão das novas tecnologias e uma espécie de retorno ao determinismo ambiental – enquanto tema é recente e ao mesmo tempo evoca e demanda novos olhares sobre o mesmo.

Em relação à visão coletiva sobre o Cerrado, evocamos as palavras de Chaveiro:

Lugar tardio de um país tardio de acordo com o concerto das nações hegemônicas, fadado à desintegração ou ao acaso das populações nativas, a região do Cerrado sempre foi vista por uma perspectiva ambígua: signo de originalidade brasílica, mas refém do atraso que sublinhou esta originalidade. Originalidade fértil, mas indesejada; lugar de uma potência prometida, mas objeto de uma mudança segundo o modelo exterior. (2012, p.4)

O mesmo autor destaca que o cerrado é visto como um bioma - e conceitua-lo como tal pode levar a solidificação de um conceito reduzido. Entretanto, é extremamente comum encontramos esta “definição” um tanto simplista (ainda que não errônea) no âmbito da geografia escolar. Seja por meio de materiais didáticos, pela ação dos professores ou pelo amalgamamento do senso comum no processo cognitivo das crianças e adolescentes, o Cerrado possui a inegável tendência de ser abordado exclusivamente como um bioma e, por vezes, sem a devida importância.

Reconhecendo sua emergência na contemporaneidade e o nosso papel (na condição de educadores) na construção de uma “consciência³” de Cerrado, torna-se imprescindível dedicar um olhar mais atento sobre como tal processo possui seu desencadear nos espaços escolares. Nesta perspectiva, o intuito deste trabalho é dialogar com alguns autores, com professores das redes de educação básica e com nós mesmos, por meio de nossas experiências profissionais e pessoais, para esboçar um pequeno retrato sobre como o Cerrado vem sendo “tratado” na escola. Cabe salientar que, se concordamos de fato que a construção de uma consciência de Cerrado é um processo em curso e necessário (e concordamos!), os primeiros elementos desta construção assentam-se na formação inicial do sujeito e na ação/influência da coletividade que permeia e habita a escola.

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA DE CERRADO

Mesmo correndo o risco de assentar-se confortavelmente sob a égide do lugar-comum, faz-se oportuno destacar que a escola consiste em um palco ímpar para o despertar/solidificar

² Trabalhamos com a perspectiva de pluralidade no conceito de Cerrado com o intuito de respeitar a gama de possíveis definições do mesmo, dado que este pode ser visto pelas mais diversas lentes.

³ Fazendo uma apropriação do termo utilizado por Chaveiro (2012)

de consciências (pois não cremos que exista apenas uma) de qualquer espécie. Cremos que, se existe um espaço para, de fato, constituir-se no lócus adequado para uma transformação no pensar e no agir individual e coletivamente, este é e continuará sendo por um bom tempo, a escola, seja enquanto espaço físico (um local dedicado a “educar” as novas gerações), seja enquanto instituição (além do espaço físico, com um corpo de profissionais dedicados a isso). Logo, educar é necessário e continuará sendo. Ainda que a escola não seja mais o lugar exclusivo da informação, não vemos nenhuma sociedade pregando o fim da escola. O contrário, há vastas massas que ainda queremos incluir. (KAERCHER, 2014).

A escola é permeada por discursos, ideologias, informações, conhecimentos e saberes, que não ficam restritos aos sujeitos que ocupam os espaços de quem “ensina” e de quem “aprende”. Todos estes elementos perpassam seu espaço e transpõem as paredes da sala de aula. Muito disto pode-se atribuir ao efeito multiplicador da ação docente, onde os estudantes são verdadeiros disseminadores das informações e conhecimentos recebidos na escola que, especialmente nos anos do ensino fundamental, se constitui como principal espaço de aprendizagem “formal”.

Diante disso, a forma como qualquer tema – e no caso mais específico e que nos diz respeito diretamente, o Cerrado – é abordado nela e por ela, possui uma dimensão nem sempre mensurável e torna-se fundamental um olhar transdisciplinar sobre suas questões, visto que nem sempre elas serão respondidas exclusivamente por uma das ciências compartimentadas do currículo escolar.

Também julgamos pertinente destacar que a construção de uma consciência (seja “do” Cerrado, seja de qualquer outro espaço/elemento/ambiente) deve transcender a localização geográfica do indivíduo. Assim, este é um processo que deveria (e deve!) ser encarado como uma política de amplitude nacional e não pautados em localismos geográficos. Será que não é importante para um habitante do Cerrado ter um conhecimento mais amplo e significativo sobre as particularidades e especificidades da Caatinga, por exemplo? Eis aqui um grande desafio, especialmente para o professor de geografia que, em geral, tende a priorizar o estudo do “próximo”, em detrimento daqueles espaços/ambientes só visualizados/vivenciados por meio de artefatos didáticos ou midiáticos. Tal tendência é verificada pela nossa experiência empírica tanto na condição de professor de geografia quanto de aluno do ensino fundamental e médio - e encontra eco nos questionários empregados para a construção deste trabalho.

O CERRADO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

No que tange a Geografia Escolar, sabemos de sua importância para a formação de sujeitos capazes de “ler o mundo” (CALLAI, 2005) na sua plenitude. Entendemos que ela precisa fornecer as condições para a construção do conhecimento do indivíduo em uma perspectiva integradora e que vá além do que lhe é apresentado. Traçamos um paralelo entre a “leitura” do mundo com a compreensão do espaço geográfico, dado que:

A compreensão do espaço geográfico pressupõe o desenvolvimento do olhar espacial, especificidade da Geografia, o qual proporciona as condições para a efetiva aprendizagem geográfica, valorizando o movimento, a contextualização e o cotidiano. (GOULART, 2011, p.24)

Assim, a leitura do espaço geográfico é uma forma de ler o mundo. E para que esta leitura seja exitosa e permeada por conhecimentos significantes, o papel das classes de geografia, em todos os níveis, é ímpar – assim como o do professor neste processo. Portanto,

se quisermos aferir se o conhecimento sobre o Cerrado vem sendo difundido no sentido de colaborar na ampliação dos horizontes da leitura de mundo dos estudantes, precisamos conhecer um pouco mais sobre o que os docentes têm a dizer (e a ensinar, a refletir, a dialogar) sobre o Cerrado, bem como, os materiais que os subsidiam.

Neste sentido, para compreender um pouco mais sobre a abordagem e o espaço que o Cerrado ocupa no âmbito da Geografia Escolar, analisamos dois livros didáticos aprovados pelo PNLD⁴ (um de ensino fundamental e um de ensino médio), que estão entre os mais adotados pelas escolas públicas do Brasil e seus respectivos discursos sobre o Cerrado. Também realizamos entrevistas com 06 professores de geografia, que serão assim classificados e denominados (vide *figura 01*):

Professores:	Cidade em que atua	Rede(s) onde trabalha:	Formação	Nível de atuação
Professor "A"	Goiânia/GO	Municipal (Goiania)	Licenciado e Mestrando em Geografia	Fundamental – Séries Finais
Professor "B"	Goiânia/GO	Municipal (Goiania) e Estadual (GO)	Licenciado e Mestrando em Geografia	Fundamental – Séries Finais e Médio
Professor "C"	Goiânia/GO	Estadual (GO)	Licenciado e Mestrando em Geografia	Ensino Médio
Professor "D"	Goiania/GO	Privada (Goiânia)	Licenciado e Mestrando em Geografia	Ensino Fundamental (séries finais) e ensino médio)
Professor "E"	Porto Alegre/RS	Federal e Privada (Porto Alegre)	Licenciado, Mestre e Doutorando em Geografia	Fundamental – Séries Finais e Médio
Professor "F"	Natal/RN	Federal	Licenciado, Mestre e Doutorando em Geografia	Ensino Médio e técnico

Figura 01: Apresentação dos professores entrevistados

Os professores supracitados responderam as seguintes questões:

- 1) Qual é o conceito de Cerrado que eu trabalho com meus alunos?
- 2) Cite as duas características/fatores/aspectos sobre o Cerrado que você julga mais importante no contexto do aprendizado de seus alunos.
- 3) Na sua visão, qual seria a principal dificuldade enfrentada pelos alunos ao trabalhar aspectos relativos ao Cerrado nas aulas de Geografia?

⁴ Programa Nacional do Livro Didático.

- 4) Quando eu trabalho com Cerrado em minhas aulas, percebo que:
 A COMPREENSÃO dos meus alunos é:
 muito alta alta média baixa muito baixa
 O INTERESSE dos meus alunos pelo tema é:
 muito alto alto médio baixo muito baixo
- 5) Quando eu preparo uma aula sobre o Cerrado, minhas fontes de consulta são: _____
 Elas são diferentes das fontes que utilizo para preparar as aulas para os demais biomas?
 totalmente diferentes
 parcialmente diferentes
 iguais

Figura 02 – Questionário aplicado aos sujeitos de nossa pesquisa

Inicialmente, algumas considerações sobre os livros didáticos. Nossa experiência na condição de professor de estágio supervisionado e conseqüente vivência e diálogos estabelecidos com os professores de geografia de ensino fundamental e médio indica que seu uso é quase uma unanimidade entre os educadores. Por vezes, este é, aliás, o único material de apoio ao qual o professor e o seu aluno possuem acesso⁵.

Vejam os que o livro “01”⁶ de Ensino Fundamental traz sobre o Cerrado. Sua primeira citação ocorre já no primeiro tópico da obra (“Características Gerais do Brasil”), no subtópico intitulado “riqueza natural”, onde há menção ao Cerrado como “uma das áreas mais secas” do Brasil (p.11). Totalmente voltado à questão climatológica, tal citação desacompanhada de uma explicação maior, pode auxiliar na criação de um estigma junto ao aluno, especialmente considerando a relativa concretude do público-alvo da obra (sétimo ano do ensino fundamental).

A afirmação recém-descrita vem acompanhada de um mapa onde o Cerrado (junto com os demais “biomas”) é apresentado sob o título de “vegetação nativa”. O que talvez seja mais enigmático em nosso olhar é o fato de que nos tópicos vindouros, tais como “Vulnerabilidade Ambiental”, “Diversidade Cultural do Brasil” e “Paisagem e Cultura”, não há nenhuma referência ao espaço do Cerrado. Assim, a correlação do aluno frente à perspectiva do Cerrado que lhe é apresentada, fica reduzida a uma perspectiva absolutamente climatológica, borrando (ou escondendo) tantos outros aspectos relevantes, tais como a Geopolítica que envolve o Cerrado – e que, em nossa visão, vem a ser o viés mais “emergente” e carente de discussão na contemporaneidade por todas as razões possíveis.

Ainda nesta obra, o Cerrado volta a ser mencionado quando o livro trata da Região Centro-Oeste, destacando que “o Cerrado é a vegetação predominante, que se caracteriza pela presença de árvores e arbustos espaçados e vegetação rasteira, sendo típica de áreas de clima tropical”. Destaca ainda que a área recoberta por este era considerada imprópria para a agricultura por causa da acidez do solo, porém “nos anos 1970, agrônomos usaram fertilizantes e adubos químicos que corrigiram essa acidez e tornaram o solo fértil e

⁵ Realidade esta vivenciada com maior ênfase em nosso local de trabalho e morada (Altamira/PA)

⁶ Optamos por ocultar o nome das obras analisadas por entendermos que a relevância de sua menção na presente pesquisa reside na utilização do conteúdo apresentado pelas mesmas a título de exemplo do que é encontrado corriqueiramente em tais livros, sem a pretensão de “qualificar” e/ou avaliar as mesmas.

agricultável. Em pouco tempo, grandes extensões do Cerrado foram ocupadas por lavouras de soja, de arroz, entre outras culturas, desmatando cerca de 40% da vegetação nativa”. Neste ponto, ao mesmo tempo em que retoma a perspectiva deste enquanto “vegetação”, faz uma vinculação direta entre ele e a região Centro-Oeste, permitindo ao aluno deduzir que o mesmo restringe-se a esta - merece destaque o fato de que, quando aborda as demais regiões brasileiras, o livro não cita o Cerrado em momento algum.

Já no livro “02”, o Cerrado ganha um subcapítulo apenas “seu”, dentro do espaço relativo aos “domínios morfoclimáticos brasileiros”. Em um espaço de três páginas (onde quatro ilustrações ocupam cerca de 75% das mesmas), há uma breve descrição do clima, do solo, do relevo e uma pequena menção a ação antrópica e a presença do homem, quando diz que “os planaltos centrais também contam com uma paisagem nova, humanizada, que quebra a monotonia do cerrado. Trata-se das modernas fazendas monocultoras e de cidades planejadas” (p.164).

Levando-se em conta que o livro é voltado para alunos com uma capacidade de reflexão mais apurada (visto que é uma obra para o Ensino Médio), tais informações mostram-se, assim como na obra recém-analisada, deficitárias para a construção de saberes mais complexificados e onde a participação humana influi e reconstrói cotidianamente o Cerrado.

Agora, vamos dialogar um pouco com os professores de geografia, que tem o papel de agentes de mediação no processo da construção dos saberes dos alunos. Durante a realização desta pesquisa, e como mencionado em momento anterior, tivemos a oportunidade de entrevistar seis professores dos ensinos fundamental e médio, vinculados às redes pública e privada de educação. Optamos por problematizar algumas questões junto a profissionais que atuam na região do Cerrado – especialmente Goiânia – e docentes que lecionam em espaços mais afastados do mesmo (tais como Porto Alegre e Natal⁷) para que possamos ter um olhar um pouco mais amplo sobre o tema.

Neste sentido, as respostas obtidas na primeira questão já se mostram bastante reveladoras para compreendermos um pouco mais sobre qual é a visão que os professores tem sobre o Cerrado e a conexão inevitável desta com a sua práxis cotidiana. Quando questionados sobre *Qual é o conceito de Cerrado que eu trabalho com meus alunos?* algumas das respostas foram:

*O conceito de cerrado voltado para o caráter fitofissionômico (vegetação e clima). Procuro complementar com os elementos da agricultura e pecuária, afim de, contrapor as ideias de infertilidade do solo, pouco desempenho agrícola, etc.*⁸ (Professor “A”).

É perceptível que a abordagem empregada pelo professor “A” no que tange o seu conceito de Cerrado não se desvincula muito da forma como este é refletido nos livros didáticos. Todavia, ao menos se infere de suas palavras uma preocupação com a desmistificação da imagem de que a região apresenta características pouco propícias aos cultivos agrícolas. Não muito distante, o professor “D” destaca:

⁷ Inicialmente, pretendíamos obter um número de 08 questionários para a realização deste trabalho (04 docentes da área do Cerrado e 04 que atuam fora da mesma). Todavia, até o fechamento deste texto, não recebemos o retorno de alguns dos mesmos, ficando nossa análise um pouco reduzida frente a intenção inicial.

⁸ As falas de nossos sujeitos de pesquisa encontram-se em *itálico* por opção do autor, com a intenção de apresentá-las de maneira distinta das citações de nossos referenciais. Também ressaltamos que as falas aqui transcritas o foram *ipsis litteris*.

Trabalho na perspectiva de domínios morfoclimáticos. Acredito que para o professor de Geografia a ênfase seja dada aos elementos do meio físico como: questões pedológicas, geomorfológicas. Geológicas, climáticas e do aspecto das fitofisionomias.

Em uma perspectiva do olhar da geografia escolar sobre o Cerrado, salientamos que, em nossa ótica, não há equívoco pautar o trabalho sob o viés dos domínios morfoclimáticos e os conhecimentos vinculados a sua caracterização, dado que são saberes importantes de serem despertados e estimulados nos estudantes. Todavia, será que o professor de geografia deve-se limitar a tal perspectiva?

Ao mesmo tempo, nos chama a atenção a resposta do professor “E”, um dos profissionais compreendidos em nossa pesquisa que não ensinam geografia em um local nos domínios do Cerrado:

Não consigo especificar, mas creio que parto da construção de uma região cultural que tem como referência identitária a relação sociedade-natureza expressa majoritariamente na zona rural.

E porque tal consideração nos desperta a nossa atenção? Primeiro, pelo fato do professor admitir que não possui uma clareza sobre o conceito de Cerrado que utiliza (seria isto um problema? Ou algo natural, compreendendo até a dinamicidade implícita na formulação de um conceito dentro da perspectiva fluida da pós-modernidade?). Segundo, por abordar o Cerrado sob as lentes da cultura, entendendo a participação dos sujeitos na sua existência e configuração enquanto “região”, dotada de elementos, artefatos e identidades culturais, transcendendo a visão “naturalista” de Cerrado empregada por alguns colegas no ensino da geografia escolar.

A segunda questão (*Cite as duas características/fatores/aspectos sobre o Cerrado que você julga mais importante no contexto do aprendizado de seus alunos*), por sua vez, nos auxilia no sentido de compreender quais são as “prioridades” da ação/intervenção docente quando do seu trabalho com as questões que envolvem o tema.

O professor “B” nos responde de forma sucinta, em uma maneira que nos convida a refletir. Vejamos:

*Cerrado – bioma biodiverso
Cerrado – celeiro do Brasil - impactos da modernização do território.*

De forma aparentemente simplista, o docente evoca dois tópicos que denotam toda a complexidade de abordar o Cerrado (e mais do que abordar, ofertar possibilidades para, o que defendemos anteriormente, incitar o despertar de uma consciência de Cerrado) nos escassos períodos destinados a ciência geográfica na escola. Abordar a biodiversidade do “bioma” implica em trabalhar em uma perspectiva que envolve aspectos vinculados a vegetação, clima, solos, dentre outros, em diversas escalas e possibilidades de análise. Já quando traz o Cerrado na condição de “Celeiro do Brasil”, percebemos implicitamente uma espécie de valorização dos elementos voltados a produção agrícola, com uma preocupação indexada em abordar os impactos resultantes da modernização do território. Este cuidado pode fazer grande diferença para o conhecimento dos estudantes, se não ficar restrito a leituras e interpretações monocórdicas de problemas ambientais e sim, primar pela valorização dos impactos sociais, econômicos e geopolíticos implícitos com o desencadeamento desta cadeia de processos.

Esta sensibilidade em ampliar o olhar do aluno para além dos indicadores físico-naturais do domínio morfoclimático também se faz presente na fala do professor “C” quando este responde da seguinte maneira:

A interdependência entre os elementos naturais (Clima, relevo, vegetação, etc.) pode definir de maneira bem ampla as características desse domínio. Entretanto, após uma abordagem física, adiciono os fatores econômicos, culturais, demográficos (...). embora muitos livros didáticos não se preocupam com os elementos humanos nos diversos subsistemas de cerrado.

O professor da resposta anterior corrobora com nossa impressão sobre os livros didáticos quando referem-se ao Cerrado. Além do que, reforça a preocupação em não resumir a sua ação didática aos elementos naturais, ainda que, em sua fala, esteja implícita uma dicotomização entre os diversos elementos componentes deste mosaico que é o Cerrado em sua essência. A abordagem integrada é, em nosso olhar, mais profícua para a compreensão – e especialmente, para a reflexão – do aluno.

Também julgamos pertinente compartilhar as palavras do professor “E” em relação a mesma questão:

- *A relação sociedade-natureza expressa nas formas de uso do campo, como a questão agronegócio VS agricultura camponesa/familiar;*
- *As expressões artísticas geografizantes, principalmente a literatura e a música.*

Visualizar o Cerrado enquanto palco de manifestações culturais de maneira integrada a Geografia soa animador e mostra a vontade de romper com eventuais práticas estanques e pouco conectadas com a contemporaneidade. Valorizar tais elementos é fazer o estudante conhecer mais a fundo o que se “produz” em um espaço para além de seus cultivos. Trabalhar em um ponto de vista de contraposição entre o agronegócio e a agricultura familiar também nos parece que é relevante no sentido de ampliar o olhar do nosso aluno para além dos discursos, dados e informações oficiais e, até mesmo, dos livros didáticos por ele utilizados – que possuem a questionável tendência de valorizar o agronegócio, especialmente nas áreas compreendidas pelo Cerrado.

Após uma breve análise sobre todas as respostas a esta questão, percebe-se que os enfoques dos professores possuem pontos de convergência e demonstram certa preocupação em não restringir-se tão somente a uma perspectiva físico-ambiental.

Por sua vez, a questão 03 (*Na sua visão, qual seria a principal dificuldade enfrentada pelos alunos ao trabalhar aspectos relativos ao Cerrado nas aulas de Geografia?*), tem diversas manifestações que merecem ser compartilhadas. Iniciamos com a fala do professor “D”:

- O ranço do cientificismo modernista que separa homem da natureza – como consequência dessa visão torna-se difícil trabalhar a questão do pertencimento e da importância do cerrado para com os alunos.*
- E a questão ideológica de irrelevância do cerrado – muitos percebem como “vazios”, “mato”, “pobre” etc.*

Sem dúvida o colega professor nos inquieta quando coloca tais palavras como resposta. O discurso empregado demonstra que as imagens que nossos alunos constroem, compram e reproduzem sobre o Cerrado podem se apresentar carregadas de marcas pouco bem avaliadas. Todavia algo apenas é classificado como “pobre” ou “vazio” a partir do momento em que há um parâmetro de comparação com o “rico” ou o “cheio”. Assim, indubitavelmente, a maculação na formulação de tais concepções por parte dos alunos também é resultante de uma maior valorização de outros espaços para além-Cerrado.

Outra resposta que merece consideração é a do professor “F” quando levanta o seguinte aspecto:

O Cerrado é muito amplo para ser compreendido em tão poucas aulas para as quais temos o “direito” de nos dedicar. Sua variedade de sistemas não poderia ser trabalhada de forma tão superficial, todavia somos implicitamente obrigados a isso. Nossos alunos saem com pouca informação além daquela contida nos livros didáticos – seja em relação ao Cerrado, seja aos demais domínios morfoclimáticos.

Ao admitir a amplitude do tema Cerrado, o professor identifica uma das possíveis causas para a imagem um tanto negativa que parte relevante de nossos alunos demonstram possuir em relação a este. Se concordarmos – e nós concordamos – que o tempo dedicado para o desenvolver de ações didático-pedagógicas é insuficiente para dotar o aluno de conhecimentos minimamente complexificados sobre o Cerrado, praticamente estamos endossando que a possibilidade de sua valorização (e sua própria autoestima enquanto sujeito social dele) fica bastante prejudicada.

O professor “A” também nos brinda com uma reflexão importante, quando fala o seguinte:

Penso que a dificuldade de se localizar enquanto habitante do cerrado. Falta o reconhecimento do lugar por parte do educando e, por vezes, do professor, com relação ao conhecimento das características e da diversidade cerradeira.

Novamente ecoa nas respostas a dificuldade em construir a relação de pertencimento. É ponto quase consensual dentre os professores questionados que a dificuldade em fazer o aluno enxergar-se como um habitante e um participante do cotidiano cerradeiro é algo latente.

A quarta questão possui um caráter objetivo e visava levantar o nível (percebido) de compreensão e de interesse dos alunos frente ao tema Cerrado, quando abordado nas aulas de Geografia.

No que diz respeito ao quesito COMPREENSÃO, o quadro obtido foi este:

- a) muito alta – 0 resposta
- b) alta - 0 resposta
- c) média - 04 respostas (66,66%)
- d) baixa – 02 respostas (33,33%)
- e) muito baixa – 0 resposta

Já no que tange ao quesito INTERESSE, tivemos o seguinte retorno:

- a) muito alta – 0 resposta
- b) alta - 0 resposta
- c) média - 03 respostas (50%)
- d) baixa – 02 respostas (33,33%)
- e) muito baixa – 01 resposta (16,66%)

Em relação aos números aqui obtidos, ainda que considerando que esta vem a ser uma amostra relativamente baixa, não deixa de ser alarmante o fato que a média de compreensão e de interesse por parte dos alunos seja tão pouco significativa. Para além disto, acreditamos que tal cenário é fruto de uma construção histórica onde o Cerrado vem sendo tratado como “mais um conteúdo a ser vencido” nas aulas de geografia nas escolas, sem a preocupação se o aluno está conseguindo construir seus conhecimentos de maneira satisfatória e com recursos suficientes que lhe permitam ser um importante agente social no espaço cerradeiro.

Por fim, a quinta questão intenta compreender quais são as fontes que o professor utiliza ao preparar as aulas relativas ao tema Cerrado. De forma quase unânime, os docentes afirmaram que utilizam a internet neste processo (com exceção do professor “C”). As outras fontes de consulta mais citadas foram, respectivamente: livros, livros didáticos, jornais, revistas, textos de Aziz Ab’Saber e Horieste Gomes, livros de literatura brasileira, músicas e filmes. Na sequência, perguntamos se as fontes de consulta são as mesmas utilizadas ao trabalhar os demais biomas. O resultado foi este:

- a) *Totalmente diferentes* – 01 resposta (16,66%)
- b) *Parcialmente diferentes* – 04 respostas (66,67%)
- c) *Iguais* – 01 resposta (16,66%)

De todas as respostas aqui reproduzidas aos nossos questionamentos – e as demais que acabaram parcialmente ocultas -, podemos aferir que, para o despertar de uma “consciência” de Cerrado (independentemente dos critérios e das lentes que cada um utilizar para delimitá-la), o ensino da geografia escolar demonstra-se carente e com baixas condições (na forma como é exercido e empregado) de ser a base de sustentação deste processo. Urge, assim, um repensar de nossas práticas e, mais do que isso, de descobrir na sua plenitude quais são os saberes necessários para uma leitura eficaz e ativa do Cerrado.

O CERRADO NA SALA DE AULA: UM CAMINHO POSSIVEL

Estudar o Cerrado na escola passa, essencialmente, por fazer o aluno compreendê-lo por meio de uma análise geográfica multifacetada. Todavia, como os relatos anteriormente trazidos aqui denotam, tal processo não parece em vias de ser consumado.

Cremos que para construir uma análise geográfica – ponto possível de partida para, mais do que a formulação de um conceito, a criação de uma “consciência” de Cerrado -, devemos conversar com a leitura que a Geografia faz dele. Nela, este é trabalhado essencialmente sob três aspectos-chave.

O primeiro deles é como elemento físico, onde termina próximo do conceito amplamente difundido de bioma com seus aspectos de relevo, clima, hidrografia, etc. O segundo é o Cerrado enquanto região, onde desfruta de uma localização estratégica, no centro do Brasil. O terceiro é enquanto um elemento Cultural, onde é visto e apropriado pelos seus sujeitos, atores sociais que nele interagem. Por fim, o Cerrado também deve ser trabalhado em uma perspectiva essencialmente geopolítica. Sendo ele um divisor de águas das maiores bacias hidrográficas de nosso país, na contemporaneidade também é uma área com alta apropriação do capital internacional.

Pensar – e trabalhar – a temática Cerrado (e tudo o que nela está embutido) na sala de aula contemporânea é pensar em uma abordagem que esteja em consonância com sua perspectiva geográfica em sua amplitude. Tomando por base estes elementos imprescindíveis na construção de uma análise geográfica mais complexa, pensamos que uma aula que vislumbre sedimentar uma visão menos fragmentada e fria e mais “viva” do Cerrado, deve primar por contemplar estes quatro aspectos recém-citados. Caso os educadores obtenham sucesso nesta tarefa, sem dúvida estaremos consolidando um grande passo na construção de uma mentalidade de Cerrado mais condizente com as realidades nele vivenciadas e as possibilidades no seu futuro em diversas escalas temporais.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Classificado e retratado muitas vezes em matérias didáticos e essencialmente em discursos intra e extra-escolares como um mundo pobre e distante, de difícil acesso, clima inóspito e solo pobre, é nítido que o Cerrado se ressent de uma compreensão mais ampla sobre seus fenômenos e suas especificidades.

Mais do que ler e compreender o mesmo enquanto um “bioma” ou domínio morfoclimático, não podemos pensar a leitura do Cerrado sem os atores deste, os povos indígenas, uma leitura geopolítica do cerrado, a economia, a infraestrutura, os grandes projetos de ocupação e exploração e o denominado processo de modernização de seu território.

No contexto escolar, este processo de leitura de um determinado espaço é desafiador, mas necessário na construção de sujeitos ativos em seus papéis sociais. O efeito multiplicador dos conhecimentos desenvolvidos no espaço da escola é de conhecimento público e eleva a responsabilidade da ação docente.

No decurso desta pesquisa (e em nossa trajetória discente/docente) percebemos que as abordagens empregadas pelos professores de Geografia e as informações contidas nos artefatos didáticos nem sempre são as mais apropriadas para conceder aos alunos plenas condições para o desenvolvimento de um saber mais amplo e vinculado aos reais cenários encontrados no espaço cerradoeiro. Cabe uma ressalva, contudo, de que não há nenhuma espécie de juízo condenatório a prática docente dos professores aqui entrevistados – ou aqueles que de alguma forma, estão embutidos em nossa percepção. O professor é um agente importantíssimo no processo de aprendizagem, porém está longe de ser o único. Seu trabalho às vezes é pautado por amarras, normatizações ou condições que prejudicam e em alguns casos até impossibilitam o transcorrer de um encontro didático que atenda as melhores expectativas.

Neste sentido, um grande desafio de todo educador é fazer do aluno um sujeito relevante e participativo no transcurso das aulas e sujeito do seu próprio conhecimento. Nos questionários aplicados com os professores, percebe-se que o interesse dos mesmos pela temática do Cerrado é relativamente baixo. Para mitigar tal quadro, Kaercher sugere:

É preciso uma certa virada epistemológica: o professor precisa crer que o aluno é capaz e tem interesse em dizer e participar. Se eu não crer no meu aluno, olharei ele como uma espécie de carteira escolar, que apenas precisa me seguir ou me ouvir! Então, praticar este simples princípio: tornar o aluno sujeito relevante do processo pedagógico é algo tão consensual quanto de difícil execução. (2014, s/p)

Assim, trabalhar o Cerrado e todas as suas problemáticas implícitas, no espaço escolar, exige a crença do educador de que o seu aluno tem sim a possibilidade de enxergar (e ir!) além do básico. De pensar o Cerrado não apenas sob a perspectiva de um bioma, mas sob um espectro social, econômico e essencialmente geopolítico. A nós, formadores de futuros professores, também cabe a reflexão se nossos cursos atendem esta necessidade e ofertam condições para que o professor sinta-se preparado para o desenvolver de uma prática que não se resume a utilização das imagens, discursos e conceitos transcritos do livro didático.

Concordamos com Oliveira quando nos diz que:

Sem dúvida o ensino de Geografia na educação básica pode contribuir significativamente para a formação do conceito de Cerrado com vista à

valorização do sentimento de pertença dos alunos em relação a esse tão importante bioma, levando-os a refletir sobre as ações que futuramente serão realizadas, podendo exercer a cidadania e contribuir de maneira consciente. (2012, p.87)

Este exercício da cidadania de que a autora fala influi diretamente na construção de uma consciência (individual e coletiva) de Cerrado. Consciência esta que apenas será factível e palpável quando a formação inicial do sujeito lhe oferecer as ferramentas e os caminhos para tal.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti . Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas: UNICAMP, 2005.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. CERRADO, ontem e hoje: a emergência de uma consciência de Cerrado – imagens em disputa. 80 Anos de fundação do IHGG. Goiânia: IHGG, 2012

GOMES, Horieste. Abordagens geográficas do cerrado: paisagens e diversidade. In: Anais do X EREGEO. Catalão: UFG, 2007. Disponível em: <http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original_Gomes_horieste_abordagens_geogr_ficas.pdf>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2014.

GOULART, Ligia Beatriz. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à sala de aula. In:TONINI, I. M. *et. al.* (Org.). O ensino de Geografia e suas composições curriculares. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

KAERCHER, Nestor André. Creio, logo, me movo. Docencio, logo, existo. Existindo, pago minhas contas e dou de comer aos meus treis fio. Texto inédito e não paginado. 2014.

OLIVEIRA, Suzana Ribeiro Lima. Cerrado: Inexpressivo sentimento de pertença por alunos do Ensino Médio. Anais da 63ª Reunião Anual da SBPC. Goiânia: UFG/SBPC, 2011.

_____. Formação do conceito de Cerrado e o ensino de geografia: análise dos conhecimentos geográficos de alunos do ensino médio da rede pública estadual de Jataí/Goiás (Dissertação de mestrado). Jataí: UFG, 2012.

PELÁ, Marcia; CHAVEIRO, Eguimar Felício . Uma interpretação sociocultural do Cerrado Goiano: Dilemas de um território em disputa. In: Anais do I Encontro Regional de Geografia Agrária - A dinâmica agrária na produção do território Goiano. Iporá: UEG, 2008

TEIXEIRA NETO, Antônio. O território goiano-tocantinense no contexto do Cerrado. In: GOMES, Orieste (Coord). Universo do Cerrado. Goiânia:UCG, 2008.